Parte 4 - Pesquisa qualitativa: aplicações em outros estudos
geográficos

***Se o cascalho informa bem, a peneira tira a dúvida: geografia e
pesquisa qualitativa nos garimpos de diamante em
Coromandel/MG***

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves
Marcelo Rodrigues Mendonça

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

GONÇALVES, R.J.A.F., and MENDONÇA, M.R. Se o cascalho informa bem, a peneira tira a dúvida: geografia e pesquisa qualitativa nos garimpos de diamante em Coromandel/MG. In: MARAFON, G.J., RAMIRES, J.C.L., RIBEIRO, M.A., and PESSÔA, V.L.S., comps. *Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas* [online]. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2013, pp. 431-452. ISBN 978-85-7511-443-8. <https://doi.org/10.7476/9788575114438.0025>.

All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Se o cascalho informa bem, a peneira tira a dúvida: geografia e pesquisa qualitativa nos garimpos de diamante em Coromandel/MG

Ricardo Junior de Assis Fernandes Gonçalves
Marcelo Rodrigues Mendonça

*Se procurar bem você acaba encontrando.
Não a explicação (duvidosa) da vida,
Mas a poesia (inexplicável) da vida.*

Carlos Drummond de Andrade

Este artigo mostra o caminho metodológico desenvolvido na pesquisa de mestrado realizada em garimpos de diamante no município de Coromandel/MG, localizado na mesorregião do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba. A pesquisa desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG), *campus* Catalão, resultou na dissertação intitulada *A vida pode mudar com a virada da peneira: (re)organização do território e do trabalho nos garimpos de diamantes em Coromandel/MG*. Aqui se busca evidenciar as possibilidades de se trabalharem diversas técnicas e procedimentos metodológicos no âmbito da pesquisa qualitativa em geografia, como pesquisa de campo, observação, diário de campo e entrevistas, que propiciam diferentes interpretações por meio da leitura geográfica dos sujeitos, de suas relações e dos territórios em que vivem e trabalham.

A história e a geografia de Coromandel se conjunham com os garimpos e os garimpeiros de diamante. Com o descobrimento dos primeiros diamantes no início do

século XIX, o garimpo passou a desempenhar um papel significativo no âmbito econômico, social, cultural e político do município. Desde então, a exploração desse mineral vem se efetuando naquele lugar, sempre incitando a continuidade das atividades de garimpagem praticadas por garimpeiros manuais, camponeses, empresários, fazendeiros, comerciantes, cooperativas de garimpeiros e empresas com capital nacional e transnacional. No decorrer desse período, assim como as águas correntes dos rios e córregos em Coromandel, o devir continua cavando sulcos profundos na realidade, transportando fragmentos de histórias, sonhos e esperanças da *sociedade coromandelense*. Pode-se dizer que os diamantes marcam profundamente as tramas cotidianas da vida e do trabalho dos diferentes sujeitos que constroem a realidade social do município.

Os garimpos de diamante *acumulam* décadas de trabalho dos garimpeiros. Assim, por meio da pesquisa qualitativa, adentramos territórios e trazemos para o âmago da pesquisa o papel dos garimpos de diamante, os grandes diamantes encontrados, o fascínio que o garimpo representa na imensidão ilimitada do horizonte imaginário, o saber fazer dos garimpeiros, a vida e o labor cotidiano nos *espaços tradicionais de garimpagem*¹ em Coromandel, também movimentados por camponeses, benzedores, raizeiros, fazendeiros e *capangueiros*.²

Em Coromandel, pela ação dos *garimpeiros da pedra rara* revirando montes de cascalhos ou furando profundos buracos, derramando suor do rosto nos solos, com lágrimas nos olhos de emoção ou tristeza, o município se transformou em “Terra dos Diamantes”. Com o garimpo, alguns ficaram ricos, muitos ainda estão pobres. Outros passaram a viver apenas das lembranças dos momentos faustosos do passado. Pedras ex-

¹ Os *espaços tradicionais de garimpagem* são movimentados por sujeitos que hibridizam a vida e o trabalho na terra com o garimpo, identificados na pesquisa como *camponeses garimpeiros*. Essa compreensão também permitiu outra demarcação conceitual, ou seja, pensar esses espaços como *comunidades camponesas garimpeiras*, contribuindo para recuperar a ideia de espaços tradicionais em processo de transformação. Além disso, pensar o sujeito *camponês garimpeiro* compreende terra, água e subsolo (diamantes) como condição para sua existência. Quando perdem o direito de uso de um desses elementos (como o subsolo), pode-se dizer que isso representa uma ruptura no processo de produção existencial da vida e do trabalho. A presença dos diamantes nos espaços tradicionais da vida e do trabalho dos camponeses e *trabalhadores da terra* e as relações sociais que decorrem desse processo expressam territórios forjados por relações de poder, interesses e conflitos. Na pesquisa de mestrado, também demonstrou-se que o *subsolo pode ser entendido como território em disputa* (Gonçalves, 2012).

² O termo origina-se ainda no século XVIII, nas minas diamantíferas de Minas Gerais. No contexto da época, diante do extravio de diamantes, Santos diz que “entre os contrabandistas havia uma classe chamada dos *capangueiros*, ou *pechelingueiros*: era a dos que faziam o comércio de capanga, isto é, os que, com pequenos capitais, compravam aos garimpeiros pedras isoladas ou pequenas partidas para vendê-las aos exportadores” (1978, p. 217). Em Coromandel, o termo *capangueiro* é usado para se referir aos compradores de diamante e, na maioria das vezes, são sujeitos residentes na própria cidade ou em municípios vizinhos, como Monte Carmelo, Uberlândia, Patos de Minas e Patrocínio. Além disso, geralmente formam uma trama de acordos e contatos entre si ou com grandes compradores de centros maiores.

traídas por mãos calejadas de garimpeiros enfeitaram e enfeitam anéis e colares usados por madames, príncipes e princesas europeias.

Muitos garimpeiros, com os cabelos esbranquiçados, olhos ainda brilhantes e lembranças vívidas, trazem a lume as épocas em que os diamantes afloravam no cascalho e eram achados nos aluviões dos rios e córregos com facilidade. Contam histórias de grandes diamantes que foram parar em outras mãos, saídos de *picuás*³ para os cofres em bancos e casas de leilão, extraídos por sujeitos que ainda continuam pobres e na solidão de uma vida dominada por um trabalho árduo. Entre esses sujeitos, encontram-se vendedores de picolé, espetinho e salgado nas ruas e praças que empurram “carrinhos” não mais carregados de cascalho diamantífero, como faziam quando eram garimpeiros, mas continuam sonhando com os diamantes; o varredor de rua que ainda tem vontade de substituir a vassoura por pás e peneiras no garimpo; o velho cuja possibilidade de voltar a garimpar foi interrompida entre as portas trancadas e paredes do asilo, mas continuou sonhando com rios, paisagens, pássaros e diamantes.

Na pesquisa, as vozes dos sujeitos continuam ecoando. São camponeses, garimpeiros, *trabalhadores da terra*,⁴ trabalhadores sem-terra e desempregados cujas experiências existenciais se misturam com o garimpo e o salto social e econômico que ele anuncia, diante das oportunidades de enriquecimento súbito com a *virada da peneira*.⁵ Para adentrar os territórios e apreender as tramas construídas no cotidiano de vida e trabalho desses sujeitos, o caminho metodológico contou com a contribuição da pesquisa qualitativa em geografia, o que possibilitou lançar novos olhares sobre os trabalhadores e as realidades em transformação nos garimpos de diamante.

O caminho metodológico: pesquisa qualitativa em geografia

O método adotado em determinada ciência fundamenta a apreensão do real. Nesse processo, com a inserção do pesquisador na realidade social, é importante enfatizar que as relações e os significados são considerados produto do homem social, e o próprio homem se revela como sujeito real do mundo social (Kosik, 1976). O método

³ É uma espécie de *porta-diamantes* feito artesanalmente. Uma peça oca em que os garimpeiros guardam os diamantes, feita de canela de lobo, pedaço de bambu, semente de jequitibá, chifre ou cano pvc, com o fundo e a tampa de madeira. O *picuá* de canela de lobo, geralmente mais raro entre os garimpeiros, é considerado uma peça que traz sorte e *bamburro* ao processo de garimpagem.

⁴ Para Mendonça, “são aqueles que exercem o labor na terra e, portanto, possuem no trabalho rural as condições essenciais para a sobrevivência. Compreendem os trabalhadores rurais assalariados, em suas diversas modalidades, camponeses, agregados, parceiros, arrendatários etc., que estabelecem o sentido pleno da vida na terra e, em situação de *desfiliação social*, forjam a luta pela terra e pela reforma agrária, territorializando ações políticas contra o capital” (2004, p. 29).

⁵ A peneira é um dos principais instrumentos usados pelos garimpeiros no processo de garimpagem manual. Com as peneiras, é feito o processo de lavagem final do cascalho diamantífero. Ver Gonçalves (2012).

escolhido expressa a concepção de mundo que norteia a visão do pesquisador diante da realidade apreendida, sua percepção filosófica. Isso corresponde ao *método de interpretação* (Moraes e Costa, 1987), e, a partir dele, o caminho traçado na pesquisa, orientada por certa concepção de mundo e por um projeto político, complementa-se com a escolha dos procedimentos metodológicos, das técnicas e ferramentas que permitem capturar os processos, levantar dados e fazer entrevistas, capazes de tornar inteligíveis os elementos e suas relações por meio do *método de pesquisa* (Moraes e Costa, 1987).

De acordo com Pessôa (2006), a ciência é dinâmica, encontra-se sempre em processo de mudança e à procura de novos resultados, o que não está separado da materialidade das transformações sociais, políticas, econômicas e ambientais da sociedade. Assim, a crise do modelo de racionalidade científica ou da ciência (neo) positivista potencializou esforços na tentativa de propor diferentes métodos e procedimentos metodológicos que englobassem as aceleradas transformações históricas no período do pós-Segunda Guerra (Souza e Pessôa, 2009). Nesse contexto, começaram a ganhar força nas ciências sociais, como a antropologia, a sociologia e, mais recentemente, a geografia, técnicas de pesquisa qualitativa.

De acordo com Lakatos e Marconi (2003), a análise qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos, que não podem ser reduzidos a análises fragmentárias. Na pesquisa qualitativa, a imersão do pesquisador na realidade pesquisada, a fim de interpretá-la e interagir com os sujeitos e os territórios, constitui uma característica fundamental. Essa inserção é municiada de significados e elementos que exigem daquele que pesquisa uma postura teórico-metodológica adequada para que os fenômenos possam ser decifrados.

A pesquisa qualitativa abre espaço para que o pesquisador possa se aproximar do conhecimento que está inscrito na vida de cada dia, nos fazeres e saberes do cotidiano, nas múltiplas racionalidades e cosmologias, muitas delas permanecidas por séculos nos subterrâneos do modelo de pesquisa científica eurocêntrico. Como propõe Santos (2009, p. 18), é importante proceder a uma “dupla escavação arqueológica”: escavar nos resíduos, nos escombros das relações dominantes, nas ruínas e nos fragmentos epistemológicos deixados pela modernidade ocidental, e descobrir tradições alternativas, culturais, sociais e políticas que ajudem a reinventar a emancipação social.

Pela escolha metodológica feita pelo pesquisador, é possível considerar processos pelos quais os saberes possam dialogar e se relacionar com a pesquisa científica, cuja análise exige comprometimento social. Para Mendonça,

a escolha teórico-metodológica é eivada de significados, de trajetórias, de posicionamentos políticos. Qualquer interpretação e/ou análise espacial exige o nível de comprometimento social do pesquisador. A prioridade a determinadas categorias, as formas de construir o texto e a maneira de ver o papel da ciência geográfica são modos de dizer como se pensam ‘as coisas do espaço’, e a possibilidade de alterá-las está diretamente relacionada à escolha metodológica, que não é aleatória ou espontânea, mas, sim, política e social (2004, p. 54).

A escolha de categorias, técnicas e métodos expressa intencionalidades que perpassam a trajetória subjetiva e política do pesquisador, pois pesquisar também é uma opção política. Priorizar determinada concepção teórica e metodológica pode contribuir para o desvendamento ou a ocultação de contradições e conflitos que se chocam ou hibridizam na apropriação dos espaços e na produção dos territórios. Nesse sentido, a pesquisa qualitativa em geografia permite maior aproximação com a realidade, com o mundo do trabalho, demonstrando significados e expressões que dão sustentação à atividade garimpeira de diamantes e aos diferentes sujeitos que compõem a trama de relações nos territórios em Coromandel.

Nas áreas de garimpo, a ação de *garimpeiros da pedra rara*, empresas transnacionais, camponeses, fazendeiros pecuaristas, empresários do agronegócio que também investem na garimpagem e cooperativas expressa territorialidades, racionalidades, relações de produção e trabalho que divergem ou convivem, relacionam-se e, paralelamente, disputam territórios. Assim, partindo-se do pressuposto de que o espaço é a acumulação desigual de tempos (Santos, 2008), compreende-se que em um mesmo espaço convivem diferentes temporalidades, as quais implicam múltiplas relações sociais em disputa, revelando as práticas culturais dos diversos sujeitos, que não estão dissociados dos territórios que (re)organizam e vivem, forjados no interior das lutas de classe.

Como construção social e resultado do trabalho humano, o território, à medida que é produzido, fortalece o exercício do poder de determinado grupo ou classe social que objetiva manter a hegemonia, em detrimento de camponeses, *trabalhadores da terra*, desempregados e garimpeiros, desterritorializados e precarizados, que se tornam hegemonizados. A produção dos territórios se dá por meio do trabalho, das relações sociais, na processualidade da vida em seu devir ininterrupto, num movimento que não repousa.

Em Coromandel, os sujeitos sociais da pesquisa também mantêm com os territórios produzidos, que estão sendo sempre (re)configurados, uma relação de pertencimento, lembranças, trabalho, modos de vida, possibilidades, lutas e interesses. Por isso, o estudo dos garimpos e garimpeiros de diamante, e das sociabilidades que permeiam os territórios, revela, em sua essência, a riqueza das relações entre as pessoas que neles (territórios) vivem, trabalham, sonham, choram, cantam e constroem saberes. Nos ter-

ritórios, relações materiais e simbólicas formam uma *encruzilhada de tempos* no processo de produção das (re)existências⁶ (Pelá e Mendonça, 2010).

Como diz Moreira, “o viver humano é a unidade do simbólico e do real, unidade de um mundo impregnado de imagens e sua pletora de significados” (2007, p. 145). Para apreender esses significados na pesquisa, as ações do pesquisador são orientadas por diferentes procedimentos metodológicos enriquecidos pela pesquisa qualitativa. Isso pressupõe um diálogo não hierarquizado com as diferentes manifestações de saberes, que interaja com os lugares e os sujeitos e compartilhe cenários e paisagens.

Embasando-se em procedimentos qualitativos, a pesquisa no município de Coromandel permitiu adentrar os territórios e entendê-los em suas complexidades; entrevistar; dialogar; ouvir histórias; tirar fotos; desenhar; observar os sujeitos e anotar como se organizam suas ações, o cotidiano e o trabalho. A pesquisa qualitativa abre horizontes para isso, evidenciando que a ciência é dinâmica, múltipla e sempre em movimento. Daí decorre a necessidade de estar sempre aprendendo, o que é um grande desafio.

De acordo com Pessoa (2006), a escolha do caminho metodológico é de responsabilidade do pesquisador e está em consonância com seus princípios filosóficos e suas posturas frente à realidade em que vive. Pesquisar é uma opção política e envolve posicionamentos reveladores de discernimentos teóricos e metodológicos. Compreendendo-se essa opção, detalham-se, a seguir, os procedimentos metodológicos, as técnicas e os instrumentos que propiciaram o contato direto com os sujeitos e a apreensão dos elementos e relações que dão sustentação ao movimento dinâmico e contraditório da realidade espacial em Coromandel. Relaciona-se a discussão teórica com a aplicabilidade dos procedimentos metodológicos qualitativos para a pesquisa geográfica e as análises das práticas sociais sobre o espaço geográfico e a produção dos territórios.

A realidade social é apreendida pelo pesquisador de forma processual; por isso, as metodologias usadas emergem de acordo com as necessidades e os elementos da realidade espacial apreendida e não são um dado *a priori*. No estudo para a dissertação, o levantamento de dados a partir da pesquisa documental (fontes primárias), da bibliográfica (fontes secundárias) e na internet relacionou-se dialeticamente com os novos referenciais, impressões, problemas e informações que foram emergindo e permitindo desvendar as tramas que permeiam os territórios.

Para Luna, a primeira regra quanto às fontes de informação é escolher “sempre a fonte mais direta possível (2000, p. 54)”. A segunda é estar “preparado para assumir, na análise das informações, as implicações da escolha feita” (p. 54). Buscando-se um

⁶ Pelá e Mendonça compreendem a (re)existência “enquanto um processo de permanência, modificada por uma ação política que se firma nos elementos socioculturais. Significa reenraizar para continuar enraizado ou poder criar novas raízes e mesclá-las com as já existentes, formatando espacialidades como condição para continuar (re)existindo” (2010, p. 54).

referencial teórico capaz de alicerçar as reflexões ao interpretar o espaço, metodologicamente orientadas conforme a proposta da pesquisa, tornaram-se fundamentais as vivências experienciadas em campo, em companhia do orientador da pesquisa, e as conversas ali estabelecidas, a participação em congressos e projetos, os debates em sala de aula, os eventos e as atividades desenvolvidas pelo Grupo de Pesquisa Geografia, Trabalho e Movimentos Sociais (GETeM/UFG/CNPq) e pelo Centro de Estudos de Geografia do Trabalho (CEGeT/UNESP/CNPq).

A escolha do referencial teórico é uma etapa processual, incluída no decorrer da pesquisa. Para isso, fizeram-se o levantamento bibliográfico e a localização de livros, artigos e jornais (isso também inclui a pesquisa na internet, em anais de congressos, periódicos e revistas *on-line* e bancos de tese das universidades) utilizados na pesquisa, consultados em diferentes bibliotecas. Concomitante, realizaram-se leitura, fichamento e discussão das obras catalogadas no decorrer da pesquisa. Escolheu-se o referencial teórico em diálogo com a pesquisa de campo, com o teórico orientando a empiria e vice-versa. A pesquisa de campo é *desveladora* de novas complexidades, que exigem uma revisão contínua do arcabouço teórico utilizado pelo pesquisador.

A pesquisa de campo nos espaços tradicionais do garimpo

A fase em que o pesquisador estabelece a relação direta com os sujeitos e a realidade pesquisada se insere no que se chama de *documentação direta*. Essa é a fase do levantamento de informações acerca dos fenômenos. Ela acontece por meio da pesquisa de campo, permitindo a inserção do pesquisador no movimento da realidade que ele se propôs a compreender. Ir a campo não é algo aleatório, é preciso ter clareza quanto aos objetivos e à escolha dos recursos a serem utilizados para a coleta de dados e informações. Olhar e permear a organização social e cultural do outro, com base nos procedimentos metodológicos claros e definidos, é parte substancial da pesquisa de campo. Conforme Suertegaray, “a pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o outro sujeito” (2002, p. 3).

Para Marafon (2009), uma das funções mais importantes da pesquisa de campo é transformar as palavras, os conceitos, em experiências, em acontecimentos reais para a concretização dos conteúdos. No campo, a teoria é confirmada, negada ou se contrapõe; por isso, o pesquisador deve estar atento ao movimento, mantendo um diálogo dialético permanente entre a teoria escolhida e a realidade pesquisada.

Gobbi e Pessoa (2009) afirmam que a pesquisa de campo é uma atividade de grande importância para a compreensão e a leitura geográfica do espaço, possibilitando o estreitamento da relação entre a teoria e a prática. Durante a realização da pesquisa,

algumas questões são postas de forma mais imediata, como resultados das elucubrações teóricas, enquanto outras vão aparecendo no decorrer da pesquisa de campo. Por isso, a relação dialética entre a teoria e a empiria – ou as processualidades que a realidade pesquisada manifesta – interage com a escolha teórico-metodológica como forma de dar respostas aos problemas que vão surgindo no decorrer da pesquisa.

Conforme Thomaz Júnior (2005), o trabalho de campo, considerado o “laboratório por excelência do geógrafo”, apresenta-se como uma alternativa concreta de executar/praticar a leitura do real, sendo, assim, um momento ímpar do exercício da práxis teórica. Isso mostra que o campo não é vazio de teoria. O processo cognoscitivo da realidade empírica está carregado de teoria. Por meio desse processo, estabeleceu-se o contato com os diversos sujeitos da pesquisa, como garimpeiros, fazendeiros e camponeses. No campo, concretizaram-se as entrevistas, a observação e o diário de campo. O uso de equipamento fotográfico, filmadora, Sistema de Posicionamento Global (GPS), gravador de voz e diário de campo tornou-se imprescindível.

Nos vales e margens dos rios em Coromandel, pobres ficaram ricos, garimpeiros choraram de emoção ou de tristeza, enquanto outros sorriam ou lutavam persistentes, mesmo passando anos no garimpo e não encontrando nem mesmo um *xibiu*.⁷ Entre os garimpeiros e camponeses, compartilharam-se diversos momentos de aprendizado. Na pesquisa de campo em outubro de 2011, recebeu-se a notícia da morte de alguns desses sujeitos, mas parte de seus conhecimentos e ensinamentos foi deixada – os olhos ainda brilhantes dos velhos de fala baixinha e cansada, os fortes apertos de mão em agradecimentos e despedidas. Esses sujeitos são conhecedores impecáveis do trabalho e das tramas cotidianas que permeiam a produção da existência nos garimpos. O conhecimento e as experiências que compartilharam pareciam exigir que se materializassem, de alguma forma, em palavras escritas. Eram histórias de vida misturadas com lendas, sonhos, perdas, lutas e esperanças que passaram de geração a geração e, pela primeira vez, estavam sendo registradas pela linguagem escrita, pois faziam parte apenas da memória dessas pessoas. Na pesquisa, procurou-se publicizar não só suas vozes, mas também seus silêncios.

Para compreender as relações de trabalho dos garimpeiros, os saberes e as socialidades construídas por eles, fizeram-se necessárias longas entrevistas e pesquisa de campo participativa nos *espaços tradicionais do garimpo* em Coromandel. Os *espaços tradicionais do garimpo* não se limitam à garimpagem de diamantes; eles abrangem as Comunidades Camponesas, pequenas propriedades em que vivem famílias e *trabalhadores da terra* (alguns já foram garimpeiros e outros, não). Dessa forma, *grafados* pela

⁷ Diamante pequeno, normalmente inferior a três ou dois quilates. Também chamado pelos garimpeiros de *grinфо* ou *olho de mosquito*.

atividade garimpeira, esses espaços forjam territórios permeados não só por conflitos (muitas vezes ocultos) e interesses diversos, mas também por símbolos e significados que envolvem o labor na terra e no garimpo, localizados principalmente nos vales dos rios e córregos.

A pesquisa de campo em Coromandel teve como objetivo obter os conhecimentos para os problemas suscitados e para os quais se procuram respostas. Por meio da pesquisa de campo, realizou-se a coleta de dados e informações da realidade, posteriormente organizados e interpretados. Para isso, utilizaram-se técnicas e procedimentos no âmbito da pesquisa qualitativa, como a pesquisa participante.

Pesquisa participante: um *(des)encontro* de vidas, histórias e saberes

Participar do movimento da vida, das ações cotidianas, observar, conversar com os sujeitos, ouvi-los e registrar tudo isso é um tipo de metodologia que amplia os horizontes da percepção do real e dos fenômenos pesquisados. Engels (2008), por exemplo, conviveu com os operários ingleses em bairros e casas, debateu com eles, observou-os no trabalho, na vida cotidiana, conheceu a fundo a existência e as condições de vida desses trabalhadores, antes de publicar suas pesquisas sobre a classe trabalhadora na Inglaterra do século XIX, no livro *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*.

Da mesma forma, Zola (2000), antes de escrever seu romance *Germinal*, conviveu com os mineiros e chegou até a trabalhar nas minas de carvão francesas. Viu homens sendo soterrados; crianças e velhos, homens e mulheres sendo explorados em troca de baixos salários; presenciou a precariedade das moradias, a exaustão, a fome; e, ainda, acompanhou os movimentos grevistas. Ou seja: Zola participou da vida deles.

Borges (2009) evidencia que a pesquisa participante é uma técnica em que o processo de observação deve ser feito de maneira direta, ou seja, o observador, ao analisar, participa da vida do grupo a ser pesquisado. Trata-se de um processo pelo qual o pesquisador deve se integrar ao grupo, analisando-o de dentro para fora, por meio de vivências e convivências cotidianas. Nesse sentido, a pesquisa participante é considerada importante como opção metodológica na pesquisa de campo.

O observador precisa ter uma capacidade aguçada para captar, no movimento do real, o visível e, ao mesmo tempo, o invisível, o dito e o não dito, ou seja, as pausas, os suspiros, os silêncios. Para um garimpeiro, o solo, a disposição dos rios e córregos, o tipo de cascalho e a vegetação, os sonhos, os imaginários e a intuição possuem significados que foram compreendidos pelos pesquisadores aos poucos.

Quanto ao cascalho, por exemplo, a prática o ensinou a reconhecer a boa *forma*⁸ só num relance de vista. *Se o cascalho informa bem, a peneira tira a dúvida*. São saberes adquiridos no decurso das experiências existenciais e no trabalho cotidiano desses sujeitos, apreendidos lentamente, com a ajuda da pesquisa participante.

Por isso, não se pode *invadir* o mundo dos sujeitos sociais com uma atitude imediata de pesquisa. De acordo com Brandão,

é muito enriquecedor viver um tempo que, dependendo do tempo global que você tenha, pode ser um dia, dois, uma semana, até quinze dias, quem sabe até um mês de puro contato pessoal, se possível até de uma afetiva intimidade com os bares, as ruas, as casas, as pessoas, os bichos, os rios e assim por diante (2007, p. 13).

Brandão chama esse primeiro contato com os sujeitos da pesquisa de “o primeiro nível do sentir” (p. 5). Isso permite ao pesquisador conhecer o lugar, as pessoas, saber como elas são e como pode se deixar imbricar em um mundo que não é vazio, mas entrecruzado por práticas, religiosidades, pertenças e conheceres. Partindo desse pressuposto, o pesquisador ameniza os riscos de ser recebido como um invasor ao aplicar questionários aleatoriamente, sem, primeiro, identificar-se. É preciso reconhecer os sujeitos e ser reconhecido por eles, e isso foi fundamental no decorrer da pesquisa de campo nos garimpos de diamante.

Para Brandão (2007), faz-se a pesquisa participante estando pessoalmente no lugar, observando e compreendendo aquilo que está acontecendo por participar da vida cotidiana das pessoas. Por isso, o contato prévio com os garimpeiros, camponeses e fazendeiros, por exemplo, foi essencial. Com esse primeiro contato, buscou-se apresentar os objetivos da pesquisa e obter a permissão dos entrevistados para registrar as informações; enfim, um esclarecimento necessário e primordial para fortalecer a relação com os sujeitos.

Nos garimpos, convidaram-nos para conhecer outros garimpeiros, contaram histórias de grandes *bamburros*,⁹ alguns mostraram fotos, *formas de diamantes* e *xibius* e, ainda, falaram de sonhos e angústias. Na medida em que se estabeleceu uma relação de maior confiança, surgiram outros que forneceram novas informações e documentos que contribuíram para a pesquisa, como jornais e fotos. Chegou-se a passar dias intei-

⁸ São fragmentos de rochas de minerais densos identificados pelos garimpeiros no cascalho diamantífero. Para os garimpeiros, as *formas* acompanham o diamante, ou seja, são consideradas satélites dos diamantes.

⁹ “Pegar” diamante de peso e qualidade significativa e ganhar muito dinheiro com o produto de sua venda. O *bamburro* geralmente é o sonho do garimpeiro, o objetivo que, conforme suas palavras, pode justificar toda uma longa série de trabalho e dificuldades atravessadas até que se alcance algum resultado significativo, *mudar a vida com a virada da peneira*.

ros conversando com camponeses e garimpeiros, observando o trabalho na “roça” e no garimpo, participando e vendo a vida acontecer. Alguns tocaram violão, cantaram músicas, falaram versos e contaram histórias e causos.

O labor cotidiano dos garimpeiros não se encerra com a materialidade dos territórios. Nos *espaços tradicionais de garimpagem*, além da materialidade dos territórios, histórias de almas penadas, espíritos e assombrações compõem o imaginário dos sujeitos. Como expõe um garimpeiro entrevistado:¹⁰

O lugar que tem diamante grande, ele é um serviço diferente. Vamos supor, tem a intuição de sofedor ali. Sofedor que eu falo é essas coisas, as almas de pessoas que ficam de vigia no garimpo, pagiano uma pedra. É isso que faz assombração no garimpo. Então ocê vai garimpar, mora ali de noite, joga pedra, chora dentro da cata, gente grita ali, gente lava cascalho, é esse tipo de coisa. Quando tem garimpeiro que morre no garimpo, ele vigia o lugar dele. Pedra tem vigia, não é qualquer um que pega ela; se não for dono, não pega mesmo, tem mistério.

São imaginários e sociabilidades que permeiam os espaços de garimpo. Os sonhos também movimentam esperanças e persistências na garimpagem. Os garimpeiros atribuem significados diversos a seus sonhos. Segundo um entrevistado,

sonho com vaca parida, carneiro, mulher pelada, mulher vestida de noiva e criança dentro da cata é diamante no picuá, pode garimpar sem medo. [Também há os] sonhos da má sorte. Se estiver garimpando e sonhar com sal, pé de pimenta ou árvore seca perto da cata, aí pode sair fora do serviço porque não tem diamante.

Por outro lado, para os garimpeiros, a maioria dos sonhos manifesta uma indicação positiva, símbolo de esperança, construída na sutil fronteira entre a realidade e o devaneio.

Os sonhos têm tanta influência que até pessoas que nunca garimparam, quando sonham com diamantes, costumam “arriscar a sorte” no garimpo. Conforme explicou um garimpeiro,

muitos sonhavam, falavam que sabiam onde estava o lugar diamantino, então iam e marcavam o lugar e dava certo. O sujeito nunca foi garimpeiro, vivia de plantar roça,

¹⁰ A pronúncia original, com o uso dos erros ortográficos, será mantida em todas as falas, pois, de acordo com Whitaker, “quando um sujeito fala, ele está falando, não está escrevendo. Não está, assim, cometendo erros ortográficos” (2002, p. 116).

mas sonhava com um diamante, ia lá e pegava, experimentava a sorte, depende de acompanhar o sonho.

Sonho com mulheres nuas, crianças, animais, luz, água limpa ou turva, água dentro da cata e assim por diante, os garimpeiros relacionam seus sonhos com o garimpo e o possível sinal intuitivo de sorte. Segundo o próprio garimpeiro,

o sonho pra mim é positivo mesmo. Toda vez que eu sonhei com mulher nua dentro do meu garimpo, eu sempre tenho trazido o diamante, vem mesmo, pra mim vem. É de qualquer tipo que pega, se a mulher for feia, veia banguela. Sonho com criança é xibiu, é desse jeito, pra mim o sonho é esse. Eu também sonhei uma vez que tinha um animal morto dentro da água, numa lagoa que eu garimpava perto, aí eu fui pra lá lavar um resto de cascalho e tive esse sonho. Eu pensei que podia ter um xibiu naquele cascalho, aí eu lavei e só tinha um xibiu mesmo, eu peguei e valeu.

Para uns, sonho de garimpeiro é apenas ilusão; para outros, não tem erro, se sonhou o *bamburro*, é certo. *Sonho de garimpeiro é diamante no picuá*. Nos *espaços tradicionais de garimpagem*, estabeleceram-se contatos com homens que vivem na terra e, além de garimpeiros, são considerados benzedores e raizeiros. Mostraram as plantas do cerrado que usam como ervas medicinais. Segundo um garimpeiro, quando adoecem no garimpo, alguns recorrem a benzeções, simpatias, raízes, folhas de plantas do cerrado. Conhecem bem esse bioma e dele retiram raízes que consideram medicinais. Um camponês e “antigo garimpeiro” deixou isso claro:

[...] eu venho tendo conhecimento de raiz desde criança. Minha mãe saía comigo pros campos, rancava uma raiz aqui, outra dali, outra aqui e ia me ensinando a serventia. Isso aqui é pra isso, isso é pra aquilo. Estou te explicando porque, se um dia ocê for no médico e ele não te curar, ranca essa raiz, ela te cura abaixo de Deus. Então aprendi a metade do que eu sei com minha mãe e a outra metade foi pelo mistério de nosso senhor Jesus Cristo. Ela me guiou, e nosso senhor acabou de fazer o resto pra mim. A gente mexe com cura também, a gente benze. Aqui a sexta-feira não é minha, é do povo. Na sexta-feira eu não trabalho, só recebo o povo que precisa de benzeção; tendo fé, cura muitos tipos de problemas.

Em contato com esses sujeitos, também se caminhou em roças de milho, arroz e abobreiras, plantados manualmente em áreas de várzea. Observando-se o plantio, sentando-se à sombra, conversou-se sobre a vida no campo, o garimpo, a importância da terra e a fartura que ela traz. No labor cotidiano, a esperança desses sujeitos é “pegar um

diamante grande”. Mas plantar roça e garimpar são atividades que se hibridizam com a vida e o trabalho na terra. Essa mistura de sociabilidades e saberes permitiu chamá-los conceitualmente de *camponeses garimpeiros*. Na conversa com alguns desses sujeitos, muitos desempregados ou vivendo de aposentadoria, percebeu-se que a memória do trabalho na terra é indissociável do labor no garimpo:

A gente vivia na roça, plantava, colhia e no tempo vago ia pro garimpo arriscar a sorte, hoje a gente lembra desse tempo e sente saudade.

Foram entrevistados camponeses que conhecem os saberes que permeiam a atividade garimpeira, mantendo uma relação de pertencimento com o lugar em que vivem e trabalham. Muitos informaram que já garimparam muito, pegaram diamante, investiram em casa na cidade, lotes, carro e dinheiro no banco, mas continuam no campo. Para alguns, a permanência na terra ou no garimpo também carrega um sentimento de pertencimento, pois compartilham com o lugar lembranças e histórias da família e dos amigos, momentos de alegria, solidão, perdas e sonhos. Outros deixaram a terra e o garimpo e foram para a cidade (Coromandel). Ao entrevistar alguns desses sujeitos, houve a oportunidade de resgatar a memória do tempo no garimpo, das relações de trabalho, dos diamantes garimpados e das esperanças que ainda alimentam. Velhos garimpeiros sempre trazem a lume lembranças de momentos acompanhadas por risos, tristezas, silêncios e nostalgia.

É possível relacionar a pesquisa com o movimento da vida, e, muitas vezes, ele é simples, surpreende e inspira com a poesia inaudita. Ou, então, nas experiências com a simplicidade, descobre-se a complexidade do universo das racionalidades e significados dos espaços sociais da vida e do trabalho dos sujeitos pesquisados. Aquele que se lança numa pesquisa adentrando *territórios da existência*, diante das impressões fenomênicas, está sujeito a surpresas, dúvidas, devaneios, angústias e até revolta. Logo, em alguns momentos, como na pesquisa de campo, o uso do diário de campo é essencial para registrar tudo.

O diário de campo e o registro das expressões fenomênicas e das experiências vividas

Na pesquisa de campo, a confecção do diário de campo é fundamental e necessária como forma de expressar as experiências vividas, as percepções e o olhar espacial integrado sobre a realidade social nos territórios existenciais dos sujeitos pesquisados. Com essa técnica, foi possível registrar a forma como os garimpeiros e camponeses

trabalham e se organizam, os conheceres e fazeres, a relação com o companheiro e as histórias contadas.

Para Venâncio e Pessoa (2009), a técnica de construir um diário de campo, mesmo tendo uma significativa importância no processo de investigação da realidade percebida, é pouco utilizada pelos pesquisadores. Mas na pesquisa considerou-se essa técnica um recurso indispensável para o levantamento de informações e o registro dos elementos e experiências vivenciadas e observadas na pesquisa de campo. O diário de campo permite exercitar o olhar na tentativa de apreender vivências experienciadas nos territórios e em contato com os sujeitos. Também abre espaço para a espontaneidade, como forma de gravar o que se observa de maneira imediata, recorrendo-se a anotações diante do fenômeno apreendido.

Por meio do diário de campo, foi possível expor os vários elementos observados na realidade pesquisada e relacioná-los com as preocupações e problemáticas levantadas, de acordo com a percepção imediata da relação com a realidade e os sujeitos. Por meio da observação, em determinados momentos, escrevia-se sobre as experiências em campo e, em outros, faziam-se desenhos sobre o movimento cotidiano dos trabalhadores no garimpo.

Desenho – Garimpeiro manual e o labor cotidiano da garimpagem em Coromandel

Autor: Gonçalves (2012).

Tendo o diário de campo em mãos e observando-se o trabalho no garimpo, fizeram-se vários desenhos. Munido da inspiração poética, como um artista, capaz de expressar percepções e devaneios e fazer deles uma obra de arte, o pesquisador que domina a técnica do desenho materializa e expõe a maneira de olhar e perceber o real e, até, de se defrontar com o irreal.

O contato e a relação do pesquisador com os fenômenos estudados criam condições para absorver o que está além da aparência; portanto, ter um diário de campo é essencial para que esse momento de lucidez e imersão imediata de ideias seja registrado e posteriormente ordenado, conforme necessário. No estudo, também se utilizou o diário de campo em momentos de solidão, após as entrevistas com os sujeitos da pesquisa, também fundamentais no decurso da pesquisa de campo.

As entrevistas: “O tempo passa, mas as histórias ficam vivas na memória da gente”

As primeiras entrevistas com os “velhos” camponeses e garimpeiros propiciaram momentos em que se experienciou a riqueza das memórias desses sujeitos, o que despertou a necessidade de se aprofundarem as leituras sobre a memória e o uso de fontes orais. Diante disso, autores como Thompson (1992), Bosi (1994) e Portelli (1996, 1997, 2004) contribuíram para ampliar as percepções diante da realidade e dos sujeitos pesquisados, na medida em que se optou por priorizar o uso das fontes orais. Percebeu-se que era preciso ganhar a confiança das pessoas para que, assim, elas *abrissem suas memórias*. Como um “garimpeiro”, cavou-se fundo nas memórias dos sujeitos, à procura das “riquezas” de conhecimentos, muitas vezes ainda ocultas, desafiando o olhar atento do pesquisador.

Em certos momentos, foi preciso tornar-se um “garimpeiro de memórias”, e, nesse tipo de “garimpagem”, encontraram-se lições de vida, relações de solidariedade, histórias, exemplos de luta e sonhos que não são aprendidos em nenhum banco escolar, nem em densos livros de vastas bibliotecas. Essas foram as belas e raras riquezas encontradas entre os “pobres” camponeses e garimpeiros que contribuíram para a pesquisa. De certa forma, o pesquisador se enriqueceu, não encontrando diamantes, mas conhecimentos que não podem ser roubados ou perdidos, porque agora fazem parte de sua existência, entrecruzando nela vida e trabalho.

Na pesquisa de campo, a aquisição de informações mediadas pelas entrevistas facilita e fortalece a interação com os sujeitos pesquisados. Diferentemente do questionário, as entrevistas propiciam o contato direto com o informante. No estudo, primeiro a pesquisa de campo permitiu pensar, interagir, participar das relações sociais, observar,

aprender e, assim, pôde-se fazer um roteiro de entrevistas conforme os objetivos pretendidos.

Uma das coisas que eu acho que mais tem comprometido certa qualidade de trabalho de campo é que, hoje em dia, esse dado tão rico do ver e compreender, do participar diretamente das relações sociais, e que mais uma vez eu quero dizer, não só é material de pesquisa, como é material para ser pensando, para daí fazer o roteiro de entrevista, isso tem sido abandonado em favor da pura entrevista. E de uma entrevista que se faz com gravador e que é padronizada, uma espécie de questionário mecânico, eletrônico (Brandão, 2007, p. 11).

As entrevistas também exigem espontaneidade e paciência. É preciso observar, pois os olhares, os gestos, a entonação da voz, as pausas e os silêncios expressam elementos que não ficam claros nos diálogos. Muita coisa é inaudita e difícil de colocar no papel, pois o pesquisador lida com emoções e um mundo penetrado por símbolos e cosmologias. Quando ele realiza uma pesquisa, precisa, depois das entrevistas, refletir sobre os fatos pesquisados e sua própria existência, pois participa do mundo dos “outros”, e eles participam do seu.

Ao entrevistar ou ser entrevistado, compartilham-se saberes com as pessoas pesquisadas. Há uma relação de troca pedagógica e substantiva entre o sujeito que conta e o que ouve. Oliveira e Brandão dizem que, nessa relação,

ambos sofrem um processo de mutação. Eu posso assegurar que não sou a mesma, porque agora sei e partilho o que os outros me contaram, compartilhando com todos e cada um os seus mundos vividos e sonhados. Quando contamos nossas vidas, enlaçamos o outro. Trazemos o outro para nós. Nem o que conta e nem o que ouve serão mais os mesmos. O que conta, porque revela algo de si e de sua vida, e o outro que escuta, porque agora sabe o que foi contado e que antes não sabia (2009, p. 237).

Essa dialética de saberes presente no movimento da vida deixa claro que as entrevistas expressam histórias, emoções e significados que dialogam, numa relação entre sujeito/sujeito, “um encontro de vidas, um encontro de almas” (p. 238). Alguns sujeitos não se abrem num primeiro momento, o que é um direito deles e deve ser respeitado. Por outro lado, isso também depende da capacidade do pesquisador de entrar nesse universo e estabelecer um diálogo.

No primeiro momento, a partir da relação imediata com os garimpeiros, camponeses e outros sujeitos entrevistados, fez-se necessário esclarecer as intenções da pesquisa e “ganhar” a confiança deles aos poucos, respeitando-os e valorizando-se o que

sabiam. Para isso, um procedimento muito importante foi ir às casas dos garimpeiros e camponeses, assim como aos garimpos, fazendo-se acompanhar por um conhecido. Nesse processo, a escolha dos sujeitos foi essencial, com aproximadamente 35 entrevistados entre camponeses, *trabalhadores da terra*, garimpeiros, fornecedores,¹¹ lideranças políticas, comerciantes e *capangueiros*, geralmente sujeitos envelhecidos que já mantiveram alguma relação com o garimpo ou experienciaram o labor na garimpagem.

No decorrer das idas a campo, nos primeiros encontros com homens e mulheres, optou-se pelo uso da entrevista não estruturada, em que se introduz um assunto e o entrevistado tem a liberdade de discorrer sobre a questão posta. De acordo com Matos e Pessoa (2009), essa entrevista tem por objetivo a exploração mais intensa do assunto, dando ao entrevistado liberdade para falar do tema. Esse era o momento em que se estavam conhecendo a área e os sujeitos; por isso, era importante dar ênfase à espontaneidade, fazendo-se perguntas apenas em consonância com o que era dito. As conversas informais com os sujeitos abrem espaços para sorrisos, pausas e causos, numa relação em que saber ouvir, em “um prostrar sem pressa, como um remanso de águas calmas de um rio” (Oliveira e Brandão, 2009, p. 236), é essencial.

Com o reconhecimento mais detalhado da área e dos sujeitos, o uso de entrevistas semiestruturadas é importante. Matos e Pessoa (2009) demonstram que esse tipo de entrevista é recomendado porque possibilita que se obtenham informações além das previstas. Ademais, exige um planejamento para seu desenvolvimento. Na relação com os entrevistados, determinado questionamento pode abrir espaço para que eles possam falar ou complementar informações relacionadas à pesquisa. No decorrer das entrevistas, reconhecer os momentos de silêncio e de fazer as perguntas se revelou essencial, pois “quem não consegue parar de falar, nem resistir à tentação de discordar do informante, ou lhe impor suas próprias ideias, irá obter informações que, ou são inúteis, ou positivamente enganosas” (Thompson, 1992, p. 254).

Entrevistar os velhos garimpeiros e, ao mesmo tempo, sorrir com eles, emocionar-se ao ouvir as histórias contadas, suas e dos companheiros, significou mergulhar em um mundo de possibilidades, esperanças, dificuldades, aventuras, sonhos e saberes. Resgatar a memória desses sujeitos foi também vivenciá-la, deixar-se penetrar nos horizontes da imaginação. Após as entrevistas, em momentos de solidão, de encontro do pesquisador consigo mesmo para depois avançar na construção teórica da pesquisa, a imaginação se desprende dele e percorre as fronteiras entre o real e o irreal. Como afirma Serpa, “imaginar é abstrair a realidade para a ela voltar após o sonho” (2008, p. 65).

¹¹ Sujeito que estabelece relação contratual com o garimpeiro, geralmente apenas com base na *palavra*. É ele quem fornece alimentação, ferramentas ou um salário mensal, enquanto o garimpeiro (mão de obra explorada) trabalha no garimpo. O resultado do trabalho, ou seja, o diamante encontrado é vendido, e os lucros são divididos de forma equivalente entre o fornecedor e o garimpeiro.

As pessoas entrevistadas com quem se experienciaram momentos dificilmente deixavam de contar alguma história, causos ou lendas sobre o garimpo e os garimpeiros, fantasmagorias ou fatos. Sem nenhum fato documentado, com base apenas nas memórias dos sujeitos, pôde-se registrar parte do que se ouviu. São várias histórias e causos: o pai que encontrou o diamante e, na volta para casa, deu a pedra para a criança ir brincando com ela, como se fosse uma bolinha de gude; o camponês que não conhecia diamante e encontrou uma pedra, achou-a bonita e a guardou por meses no buraco da parede de sua casa, feita de adobe; a criança que encontrou um diamante no caminho da escola e, sem conhecer, deu de presente para a professora; o camponês que foi tirar leite e, ao agachar, encontrou um diamante no cascalho do curral; o garimpeiro que achou um diamante tão grande que não adentrava a boca de um copo.

Nem tudo o que se ouviu está transcrito. Registraram-se fragmentos, mas a totalidade ampliou a compreensão do movimento por meio das memórias dos sujeitos. Como mostra Bosi,

a memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar, ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança, e seria preciso um escutador infinito (1994, p. 39).

Enfatizando-se as entrevistas com os garimpeiros, camponeses, fazendeiros e donos das áreas de garimpo, buscou-se explorar informações sobre a organização dos garimpeiros. Sem preocupação com experiências esquematizadas, em muitos momentos não se fizeram planejamentos, deixou-se a conversa fluir. Assim, em instantes de informalidade, as conversas fluíram e se captaram explicações primorosas, sempre se evitando fazer anotações diante das pessoas. Além disso, atentou-se para questões como as palavras usadas, o modo de falar e o tom da voz. Como ensina Thompson,

o argumento em favor de uma entrevista completamente livre em seu fluir fica mais forte quando seu principal objetivo não é a busca de informações ou evidências que valham por si mesmas, mas, sim, um registro 'subjetivo' de como um homem, ou uma mulher, olha para trás e enxerga a própria vida, em sua totalidade, ou em uma de suas partes. Exatamente o modo como fala sobre ela, como ordena, a que dá destaque, o que deixa de lado, as palavras que escolhe, é que são importantes para a compreensão de qualquer entrevista (1992, p. 258).

No decorrer da pesquisa, em diversos momentos, procurou-se adentrar em conversas sobre o garimpo ou apenas ouvir as pessoas conversarem ao lado. Muitas vezes, dentro dos ônibus que percorrem as Comunidades Camponesas de Coromandel, ouviam-se as pessoas comentarem sobre garimpo, sobre a sorte ou faina dos garimpeiros, dos parentes e amigos garimpeiros, os grandes diamantes, o garimpeiro que ficou rico, comprou fazenda, outro que perdeu tudo. Diante disso, em certas ocasiões, apenas ouvia-se e observava-se com atenção. Algumas vezes, as pessoas sentavam no banco ao lado e aproveitava-se, então, para conversar informalmente, sem dizer que era estudante ou pesquisava o garimpo. Em ambientes e momentos como esses, a pesquisa também foi se delineando.

As entrevistas com os “velhos” garimpeiros e camponeses, já nos limites de seu corpo, instrumento de comunicação às vezes deficitário, exigiram paciência, perguntando-se quando necessário, sabendo-se ouvir a voz calma e cansada, respeitando-se os momentos das pausas. Aqueles corpos já alquebrados também guardam dentro de si sonhos e esperanças. Segundo Bosi, “quando a memória amadurece e extravasa lúcida, é através de um corpo alquebrado; dedos trêmulos, espinha torta, coração acelerado, dentes falhos, urina solta, a cegueira, a ânsia, a surdez, as cicatrizes, a íris apagada, as lágrimas incoercíveis” (1994, p. 39).

No município de Coromandel, o trabalho, o saber fazer, os interesses e os conflitos que urdem os territórios demonstram as múltiplas racionalidades e sociabilidades que transitam a realidade. Uma realidade que chama a geografia a interpretá-la. Com a pesquisa qualitativa, lançam-se novos olhares sobre o mundo, utilizando uma pluralidade metodológica que mostra o movimento das ciências, reformulando teorias, métodos e procedimentos que estão à disposição do pesquisador. Isso contribuiu para adentrar os territórios da vida e do trabalho dos sujeitos em Coromandel, que confluem com a atividade garimpeira e as trajetórias existenciais e de trabalho dos garimpeiros.

Considerações finais

Com a pesquisa que se desenvolveu nos garimpos de diamante em Coromandel, as contribuições dos procedimentos metodológicos qualitativos abriram espaços para novos diálogos, análises e interpretações. Para adentrar os territórios materiais e imateriais do trabalho dos garimpeiros, nos quais o saber fazer cotidiano também é pressagiado por superstições e fantasias, desenvolveu-se a relação entre a análise geográfica dos fenômenos no espaço e a produção dos territórios sem perder de vista as práticas socioculturais dos sujeitos pesquisados. Não é possível existir vida sem solidariedade e construção de pertencas.

Fortalecida pelos procedimentos metodológicos qualitativos em geografia, a pesquisa procurou penetrar os territórios sem separar a materialidade histórico-social da imaterialidade cultural e simbólica, indo aos densos lugares da existência humana. Além disso, a leitura geográfica exigiu a captura de tramas e processos, conflitos e disputas, muitas vezes com desdobramentos e conteúdos não revelados. Necessitou-se ter o olhar orientado não só para as relações de poder e dominação que permeiam os espaços controlados pelo capital, mas também para os espaços cotidianos da vida e do trabalho como dimensão da experiência humana dos sujeitos nos *espaços tradicionais de garimpagem*, contribuindo para recuperar a ideia de espaços tradicionais em processo de transformação.

Assim, com o apoio de técnicas qualitativas – como entrevista, diário de campo, observação e pesquisa participativa –, estabeleceu-se um contato direto e pedagógico com os trabalhadores e territórios em que vivem e constroem trajetórias existenciais de lutas, relações de poder e sonhos. Isso demonstra que, por meio da pesquisa qualitativa, a geografia se expande para um campo mais brando e ao mesmo tempo político, com múltiplas formas de interpretação, o que contribui para os diversos campos da pesquisa e do saber geográfico. Talvez, nunca tenha sido tão atual a tese de que se precisa de rigor teórico-metodológico, mas sem jamais perder a ternura!!!

Referências

- BORGES, Maristela C. “Da observação participante à participação observante: uma experiência de pesquisa qualitativa”. In RAMIRES, Julio Cesar de L. e PESSÔA, Vera Lúcia S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 183-98.
- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “Reflexões sobre como fazer trabalho de campo”. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, 2007, v. 10, n. 1, pp. 11-27.
- ENGELS, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Tradução de B. A. Schumann. São Paulo: Boitempo, 2008.
- GOBBI, Wanderléia Aparecida de O. e PESSÔA, Vera Lúcia S. “Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões sobre o trabalho de campo”. In RAMIRES, Julio Cesar de L. e PESSÔA, Vera Lúcia S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 485-508.
- GONÇALVES, Ricardo Junior de A. F. *A vida pode mudar com a virada da peneira: (re)organização do território e do trabalho nos garimpos de diamantes em Coromandel/MG* (dissertação). UFG, 2012, 272 p.
- KOSIK, Karel. *Dialética do concreto*. Tradução de Célia Neves e Alderico Toribio. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LUNA, Sérgio V. de. *Planejamento de pesquisa: uma introdução; elementos para uma análise metodológica*. São Paulo: EDUC, 2000.

- MARAFON, Glaucio José. “O trabalho de campo como instrumento de trabalho para o investigador em geografia agrária”. In RAMIRES, Julio Cesar de L. e PESSÔA, Vera Lúcia S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 379-94.
- MATOS, Patrícia Francisca de e PESSÔA, Vera Lúcia S. “Observação e entrevista: construção de dados para a pesquisa qualitativa em geografia agrária”. In RAMIRES, Julio Cesar de L. e PESSÔA, Vera Lúcia S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 279-92.
- MENDONÇA, Marcelo R. *A urdidura espacial do capital e do trabalho no cerrado do Sudeste Goiano* (tese). UNESP, 2004, 457 p.
- MORAES, Antonio Carlos R. e COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia crítica: a valorização do espaço*. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1987.
- MOREIRA, Ruy. *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2007.
- OLIVEIRA, Joycelaine Aparecida de e BRANDÃO, Carlos Rodrigues. “Entre o murmúrio do rio e o despertar das lembranças”. In RAMIRES, Julio Cesar de L. e PESSÔA, Vera Lúcia S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 221-52.
- PELÁ, Márcia e MENDONÇA, Marcelo R. “Cerrado goiano: encruzilhada de tempos e territórios em disputa”. In PELÁ, Márcia e CASTILHO, Denis (orgs.). *Cerrados: perspectivas e olhares*. Goiânia: Vieira, 2010, pp. 37-50.
- PESSÔA, Vera Lúcia S. “Pesquisa e conhecimento: construindo os ‘saberes’...”. *Dialogus*, Ribeirão Preto, 2006, v. 1, n. 2, pp. 15-27.
- PORTELLI, Alessandro. “A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais”. *Tempo*, Rio de Janeiro, 1996, v. 1, n. 2, pp. 59-72.
- . “O que faz a história diferente”. *Projeto História*, São Paulo, fev. 1997, v. 14, pp. 25-39.
- . “‘O momento da minha vida’: funções do tempo na história oral”. In FENELON, Déa R. et al. (orgs.). *Muitas memórias, outras histórias*. São Paulo: Olho d’Água, 2004, pp. 297-313.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- SANTOS, Joaquim Felício dos. *Memórias do Distrito Diamantino*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova*. 6 ed. São Paulo: EDUSP, 2008.
- SERPA, Angelo Szaniecki Perret. “Como prever sem imaginar? O papel da imaginação na produção do conhecimento geográfico”. In — (org.). *Espaços culturais: vivências, imaginações e representações*. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 59-67.
- SOUZA, Murilo M. O. de e PESSÔA, Vera Lúcia S. “Diagnóstico rural participativo (DRP): um instrumento metodológico qualitativo em geografia”. In RAMIRES, Julio Cesar de L. e PESSÔA, Vera Lúcia S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 199-220.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. “Pesquisa de campo em geografia”. *Geographia*, Rio de Janeiro, 2002, v. 4, n. 7, pp. 1-5.
- THOMAZ JÚNIOR, Antônio. “Trabalho de campo: o laboratório por excelência do geógrafo”. *Geografia passo a passo: ensaios críticos dos anos 1990*. Presidente Prudente: Centelha, 2005, pp. 20-6.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VENÂNCIO, Marcelo e PESSÔA, Vera Lúcia S. “O diário de campo e a construção da pesquisa: registro das emoções dos sujeitos envolvidos e a reconstrução de suas histórias de vida e do lugar”. In RAMIRES, Julio Cesar de L. e PESSÔA, Vera Lúcia S. (orgs.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009, pp. 317-36.

WHITAKER, Dulce C. A. et al. *Sociologia rural: questões metodológicas emergentes*. Presidente Wenceslau: Letras à Margem, 2002, 256 p.

ZOLA, Émile. *Germinal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.